

Perspectivismo Zumbi: a experiência canibal como produtora de perspectivas

Stefany Sohn Stettler

RESUMO: Para a presente investigação, me utilizarei doo texto “Imanência do inimigo”, de Eduardo Viveiros de Castro, contido no livro “A inconstância da alma selvagem” e na série de ficção científica *iZombie* (2015-2019). No artigo, o antropólogo brasileiro debruça-se sobre o canibalismo simbólico dos rituais de assassinato Araweté, nos quais o matador funde-se à sua vítima em uma predação ontológica que resulta no devir-outro ou devir-inimigo do matador, produzindo novos pontos de vista, um, por assim dizer, perspectivismo, ainda que Eduardo Viveiros de Castro não utilize esta palavra para esta prática em específico. É importante salientar que o uso da etnografia de Viveiros de Castro nesta comunicação é exclusivamente experimental, sem tentar ofuscar o horizonte etnológico ameríndio com aquele horizonte distópico que permeia o segundo assunto: um certo tipo de zumbi, que Chera Kee (2017) chama de zumbis extraordinários: aqueles que mantêm memória, agência e consciência, como Bub de *Day of the Dead* (1985), Big Daddy de *Land of the Dead* (2005) e, sobretudo, Liv de *iZombie* (2015-2019). A médica residente Olivia Moore, destacada por seu brilhantismo, é convidada por uma colega a ir em uma festa realizada em um barco. Após negar o convite, é convencida por seu noivo, Major, a comparecer à festa, que se torna um foco de zumbis, criados a partir de uma nova droga sintética, chamada Utopium, misturada com a bebida energética Max Rager. Olivia então é contaminada por um arranhão, se transforma em uma morta-viva e precisa comer cérebros para manter sua humanidade. Para sustentar seus novos hábitos, muda-se de emprego e vai trabalhar em um necrotério policial com Ravi, seu colega, que logo descobre seu segredo e a ajuda a conseguir alimento. Como objetivo geral, tenho a esperança de especular como a figura do zumbi é a representação ficcional e mais literal do conceito de perspectivismo canibal, como pensado por Eduardo Viveiros de Castro em *A inconstância da alma selvagem* (2020). Para isso, passarei por três etapas: explorar a fundo o conceito de perspectivismo na prática literal ou metafórica/mitológica; a partir da série *iZombie* (2015-2019), estudar no texto do zumbi como o canibalismo ficcional pode produzir perspectivas; e, por fim, buscar a conexão do conceito de perspectivismo de Viveiros de Castro (2020) com a série *iZombie* (2015-2019). De forma experimental, contrariando a visão vigente sobre os zumbis como não-dotados de humanidade, o que quer que isso signifique, a noção de perspectivismo contribui para uma nova concepção dos zumbis.

PALAVRAS-CHAVE: Zumbis. Perspectivismo. Devir.

1 INTRODUÇÃO

Montaigne (1987, p. 106) encerra seu ensaio sobre os ameríndios canibais com quem esteve em contato exclamando que tais pessoas não usavam roupas. As vestimentas, no entanto, não são assunto de seu texto, mas sim os hábitos dessa gente “tão diferente”: em especial, o canibalismo. Com particular cuidado, o filósofo descreve os rituais canibais de vingança, muito similares aos rituais Tupinambá descritos por Eduardo Viveiros de Castro no texto *O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem* (2020, p. 159-228).

Para a presente investigação, contudo, estarei centrada no texto que segue o supracitado no livro *A inconstância da alma selvagem* (2020): *Imanência do inimigo*. Neste artigo, Viveiros de Castro debruça-se sobre o canibalismo simbólico dos

rituais de assassinato Araweté, nos quais o matador funde-se à sua vítima em uma predação ontológica que resulta no devir-outro ou devir-inimigo do matador. É importante salientar que o uso da etnografia de Viveiros de Castro nesta proposta é exclusivamente experimental, sem tentar ofuscar o horizonte etnológico ameríndio com aquele horizonte distópico que permeia o segundo assunto de meu texto: os zumbis.

Estas criaturas ficcionais, mortas-vivas, têm no canibalismo uma de suas principais características. O consumo desenfreado de carne humana, entretanto, para a maior parte do cânone zumbi¹, não tem outra função senão a de causar choque pela representação midiática de vísceras rasgadas e sangue jorrando. Mas aqui, não tratarei dessas características, mas sim daqueles zumbis que Chera Kee (2017) chama de *zumbis extraordinários*: aqueles que mantêm memória, agência e consciência, como Bub de *Day of the Dead* (1985), Big Daddy de *Land of the Dead* (2005) e, sobretudo, Olivia de *iZombie* (2015-2019). É necessário lembrar também que não estarei falando do zumbi filosófico e tampouco de filosofia da mente.

Como objetivo geral, tenho a esperança de especular como a figura do zumbi é a representação ficcional e literal do conceito de perspectivismo canibal, como pensado por Eduardo Viveiros de Castro em *A inconstância da alma selvagem* (2020). Para isso, passarei por três etapas: explorar a fundo o conceito de perspectivismo na prática literal ou metafórica/mitológica; a partir da série *iZombie* (2015-2019), estudar no texto do zumbi como o canibalismo ficcional pode produzir perspectivas; e, por fim, buscar a conexão do conceito de perspectivismo de Viveiros de Castro (2020) com a série *iZombie* (2015-2019).

2 PERSPECTIVISMO CANIBAL AMERÍNDIO

Para os Araweté, a diferença entre humanidade [*Bide*] e divindade [*Mai*] tem papel fundamental na construção de sua cultura e cosmologia. Viveiros de Castro (2020) explica que nessa constituição de mundo, os humanos são ambos “os abandonados” [*heñã mi re*] (os que não partiram e não se tornaram deuses) e “aqueles que irão” [*uha me’e rin*] (que serão reunidos aos *Mai* após a morte). Isso pressupõe a mortalidade e a minoridade ontológica de todos os viventes terrestres.

¹ Chamo de cânone zumbi o conjunto de obras que são, em geral, classificadas como “de zumbis”. Há um consenso entre a maior parte destas obras em relação a “o que é um zumbi”, havendo exceções que discordam ou reforçam a regra.

Quando o *moropi'ñã* mata um inimigo, ele cai em estupor, fica semiconsciente e não come por muitos dias, cerca de cinco. Seu corpo está simbolicamente cheio do sangue do inimigo, e o matador o vomita durante este período. A morte do inimigo produz um afastamento da alma e também, um “verdadeiro tornar-se cadáver” (2020, p. 236), um *devir-morto*. “O matador ouve o barulho das asas dos urubus que se reúnem à volta de “seu” corpo morto – isto é, o corpo de seu inimigo deixado na floresta–; sente-se “como se apodrecendo”, seus ossos amolecem, ele cheira mal” (VIVEIROS DE CASTRO, 2020, p. 236).

Além disso, o matador deve tomar uma infusão de *iwirara'ĩ*, não pode tocar sua vítima (seu ventre cheio de sangue pode inchar e explodir), não pode tocar sua esposa, visto que o espírito do inimigo, que paira “sobre ele”, seria o primeiro a penetrá-la e contaminaria o matador, que causaria sua própria morte. Este período acaba quando a alma da vítima sai para “buscar cantos” que, ao seu retorno, transmite-os ao matador em seus sonhos.

A raiva do inimigo logo transforma-se em amizade, e a relação dos dois torna-se “como *apihi-pihã*”. O inimigo morto recebe dois títulos: *kã'un nãhi*, “molho do cauim”² e *marakã nin*, “futura música”. Ainda que a antropofagia seja da ordem da divindade, os Araweté usam o morto para dar gosto à bebida e infundar o espírito do inimigo.

A fusão de matador e vítima produz um devir-outro do assassino, pois o espírito do morto está sempre com ele, a ponto de ser necessário afastar as armas do matador assim que ocorre o ato, pois a alma do inimigo, agora fundida com a alma do matador, tomada pelo desejo de vingança, pode fazer o autor se tornar enfurecido contra os seus. Viveiros de Castro (2020, p. 241) ainda escreve que o matador precisa, às vezes, fugir para a floresta, “[...] pois o inimigo ‘empluma sua cabeça’ e lhe transtorna os sentidos. ‘Quando chega sobre o matador, o espírito do inimigo transforma-o em um inimigo para nós’, diziam-me os Araweté”.

A partir do assassinato, se estabelece uma diferença metafísica entre o matador e o restante de seu povo. Essa mudança é perceptível após a morte: o destino final de todos é o canibalismo divino, ao qual o matador, fundido com a alma de sua vítima, escapa, sendo conduzido diretamente ao banho da imortalidade. O matador já é um canibal e um inimigo, ou seja, já é um *Maĩ*, um deus antecipado.

² Cauim é uma bebida fermentada alcoólica produzida a partir da mandioca ou do milho, eventualmente adoçada com suco de frutas.

Essa capacidade de se ver como Outro – ponto de vista que é, talvez, o ângulo ideal de visão de si mesmo – parece-me a chave da antropofagia tupi-guarani. Enfim, se é verdade que “o canibal é sempre o outro”, então o que é um *Iraparadĩ*, senão o Outro dos Outros, um inimigo dos deuses que, por isso mesmo, torna-se, como estes, um mestre do ponto de vista celeste? (VIVEIROS DE CASTRO, 2020, p. 243).

Eduardo Viveiros de Castro (2020) introduz o conceito de “predação ontológica”, prática comum entre diversos povos Ameríndios: o canibalismo – ou assassinato – como forma de criar novas perspectivas: um, ainda que Viveiros de Castro não use esse termo para esta prática específica, indiscutível perspectivismo.

3 *IZOMBIE* (2015-2019)

A médica residente Olivia Moore, destacada por seu brilhantismo, é convidada por uma colega a ir em uma festa em um barco. Após negar o convite, é convencida por seu noivo, Major, a comparecer à festa, que se torna um foco de zumbis, criados a partir de uma nova droga sintética, chamada *Utopium*, misturada com o energético *Max Rager*. Olivia então é contaminada por um arranhão, se transforma em uma morta-viva e precisa comer cérebros a fim de manter sua humanidade. Para manter seus novos hábitos, muda-se de emprego e vai trabalhar em um necrotério policial com Ravi, seu colega, que logo descobre seu segredo e a ajuda a conseguir alimento.

Olivia descobre logo no primeiro episódio que pode acessar as memórias dos mortos a partir do consumo canibal de seus cérebros.

OLIVIA: É um dos efeitos colaterais... quando eu como um cérebro, eu tenho visões, *flashes* de memórias, ou... sonhos... Eu não sei exatamente o que são, mas pareço estar em uma viagem de ácido de outra pessoa (*IZOMBIE*, 2015, Temporada 01 Episódio 01, 00:12:33-00:12:43)

Olivia come parte do cérebro da vítima de assassinato Tatiana, que era cleptomaníaca, e, além de ter acesso às memórias da assassinada, desenvolve o transtorno também. No segundo episódio, Olivia come o cérebro de um artista falecido e desenvolve um senso estético e habilidades de desenho.

Assim, a personagem, se passando por uma vidente, começa a ajudar o policial da série, resolvendo os assassinatos das vítimas a partir das suas “visões”, ou seja, memórias adquiridas pelo consumo dos cérebros delas. Além disso, Olivia

adquire parte da personalidade dos assassinados, resultando em momentos engraçados.

Olivia entra em episódios de irracionalidade, nos quais se assemelha aos zumbis mais tradicionais do cânone, especialmente quando não se alimenta de cérebros humanos por muito tempo. Isto significa que, para manter sua humanidade, a personagem deve continuar a se alimentar de cérebros. Olivia pratica canibalismo para manter-se agente, consciente e racional. No terceiro episódio, ela e seu parceiro, Ravi, tentam alimentar com restos humanos uma zumbi em estágio “avançado”, isto é, irracional, presa em um poço, um experimento para averiguar se seria possível reverter os efeitos da zumbificação, descobrindo não ser possível. O canibalismo se torna a essência da humanidade e sua recusa é, inevitavelmente, o fim da humanidade de um indivíduo.

4 PERSPECTIVISMO ZUMBI

É importante salientar que nesta série, o critério de humanidade estabelecido é a racionalidade, uma herança cartesiana: “penso, logo existo”. Juntamente com Galileu Galilei, Francis Bacon e Thomas Hobbes, Descartes é o fundador da filosofia moderna, o que o garante a atribuição dos elogios e censuras (JAPPE, 2021) da profunda cisão que operou entre *res extensa* e *res cogitans*, uma das fundações da criação dos zumbis, que de acordo com Lauro & Embry (2008), é um corpo sem alma. Ainda que, como na própria etnografia de Viveiros de Castro (2020), haja uma diferença entre corpo e alma em outras culturas, esta não é uma diferença necessariamente hierárquica como a produzida pela filosofia moderna.

A série subverte esta divisão ao apresentar uma zumbi condicionada a comer cérebros para manter sua agência, sua consciência e racionalidade. No cânone, há poucos zumbis que se alimentam especificamente de cérebros, uma tradição iniciada por *Return of the Living Dead* (1985). Na simbologia e na ciência, o cérebro é onde se acredita que reside a consciência humana. *iZombie* (2015-2019) implica que as memórias são materialmente impressas na massa cerebral, subvertendo, mais uma vez, a dualidade corpo/mente.

Como diversos zumbis do cânone, como Bub, de *Day of the Dead* (1985) e Big Daddy, de *Land of the Dead* (2005), Olivia, de forma mais destacada que os dois zumbis agentes de Romero, retém sua humanidade. Assim, é possível expandir

esse processo para outros zumbis do cânone: o morto-vivo Bub, cobaia de Dr. Logan, aprende a executar várias tarefas, inclusive manusear um revólver e prestar continência. Mais tarde, descobrimos que ele estava sendo alimentado com carne dos militares mortos no complexo militar onde Bub, Dr. Logan, cientistas, civis e militares sobrevivem ao apocalipse zumbi. De forma especulativa, é possível pensar que o alimento de Bub foi causa direta de sua habilidade de atirar e realizar a saudação militar.

Big Daddy, por sua vez, retém memórias de sua vida pré-zumbi, já que costumava ser um frentista e agora entra e sai do posto de gasolina que administrava antes. Big Daddy se arma e executa uma revolução no filme. Sua facilidade em manusear armas de fogo e planejar uma invasão, também de forma especulativa, podem ter surgido do seu alimento: contrabandistas que deixavam os muros da cidade para saquear produtos de interesse da elite do filme.

Assim que Olivia resolve, ajudando Clive Babineaux, o primeiro assassinato da série, depois de passar cinco meses desencantada com sua condição, não só consegue devolver os itens que roubou a partir de sua cleptomania, adquirida por comer o cérebro de uma vítima do transtorno, mas também consegue dormir, algo que não fazia desde que se tornou zumbi. A etnografia de Eduardo Viveiros de Castro (2020) também prevê um período de ajuste após o assassinato do inimigo, no qual o matador deve se isolar e não pode operar diversas atividades ou consumir certos alimentos.

Assim como a consumação canibal e sexual dos *Maï* impede que o firmamento caia (VIVEIROS DE CASTRO, 2020), ou seja, que o mundo acabe, a consumação canibal de Olivia (e de todos os outros zumbis da série) também garante que uma epidemia de zumbis irracionais e canibais não se consolide, “acabando” com o mundo – ou com a humanidade – de outra maneira. Ao comer cérebros e manter sua agência e racionalidade, Olivia previne que um apocalipse ocorra.

Os traços de personalidade adquiridos de Olivia se assemelham, em partes, com os rituais de cantos descritos na subseção *A morte ventríloqua* de Viveiros de Castro (2020), nos quais o inimigo morto canta a partir de sua perspectiva. Para Viveiros de Castro, há uma colaboração onde antes havia uma competição de corpos. Em *iZombie* (2015-2019), os traços de personalidade adquiridos pelos atos canibais de Olivia a ajudam com a solução dos assassinatos, sobretudo quando ela

deve entrevistar pessoas de um grupo específico e seus trejeitos permitem uma identificação com os interrogados.

No ritual de assassinato Araweté, assim que o matador termina de matar sua vítima, suas armas devem ser afastadas, pois o espírito do morto pode tomá-lo com sentimentos de vingança capaz de fazer o matador virar-se contra os seus. Em *iZombie* (2015-2019), o ímpeto de ajudar na resolução dos crimes de Olivia pode ser pensado também como um desejo de vingança inspirado pelas memórias e personalidades das vítimas de seus atos canibais. Em *O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem*, Viveiros de Castro (2020, p. 207) escreve, sobre os rituais canibais Tupinambás: “A vingança não era um retorno, mas um impulso adiante; a memória das mortes passadas, próprias e alheias, servia à produção de devir” (VIVEIROS DE CASTRO, 2020, p. 207).

Ainda que não seja a assassina, apenas a canibal, Olivia pratica a predação ontológica da qual fala Viveiros de Castro (2020) sobre seus pacientes, em uma espécie de relação simbiótica: eles a fornecem alimento, ela os fornece justiça pelas suas mortes. Há uma troca, em formato de predação ontológica, entre cadáver e canibal, marcada pelas memórias e personalidade adquiridas por Olivia

Enquanto o cadáver torna-se zumbi, visto que suas memórias são transportadas para Olivia e sobrevivem para o além-morte, um devir-zumbi, por assim dizer, Olivia torna-se – ou mantém-se – humana a partir do consumo de cérebros, um devir-humana. E, mantendo sua humanidade, se mantém igualmente canibal, visto que o canibalismo só acontece intra-espécie. Nesta mesma linha, é possível perguntar se o ritual pós-morte dos *Maĩ* também os confere uma certa humanidade, ainda que sejam divindades.

Na etnografia de Viveiros de Castro (2020), o matador torna-se uma fusão de *bĩde* e *awin* (nós e inimigo). É possível pensar que Olivia se torna, a partir de quando é zumbificada, uma fusão de *nós* – humana – e *inimiga* – outra – também, uma figura de margem que ajuda a ofuscar as linhas entre um e outro, já que a personagem age em benefício da coexistência, mesmo sendo uma zumbi.

5 CONCLUSÃO

De forma experimental, contrariando a visão vigente sobre os zumbis como não-dotados de humanidade, o que quer que isso signifique, a noção de

perspectivismo contribui para uma nova concepção dos zumbis. Em outros trabalhos, pude expor como mídias recentes do gênero promovem uma ideia de um zumbi simbiote humano-fungo e como esta ideia afasta o zumbi do fim da humanidade e o aproxima à criação de uma nova humanidade, indissociada da natureza.

Na primeira seção, abordei, a partir de um procedimento mais tradicional, o que Viveiros de Castro (2020) fala sobre os rituais de assassinato araweté, a figura do matador que se funde com a de sua vítima, os ritos de canto e dança, as diferenças metafísicas entre matador e o restante de seu povo e sua aproximação com as divindades *Maï*. A série *iZombie* (2015-2019) foi tema da segunda seção, na qual explicito o conteúdo do seriado, seus personagens e as características particulares da protagonista Olivia Moore, seu estado de zumbi e seus hábitos alimentares que a entregam memórias e personalidades distintas. Na terceira seção, busquei conectar as particularidades da série e do tipo de zumbis apresentado nela com o conceito de perspectivismo canibal de Viveiros de Castro (2020).

O presente trabalho, portanto, contribui para esta nova visão dos zumbis, uma que o aproxima da produção de devires, e portanto, de diversidade ontológica. Olivia é muitas pessoas e a cada episódio, assume um devir-outro. Assim, devir-funghi, devir-outro, devir-humano e devir-zumbi se conectam na figura desse zumbi outro que não o tradicional e Outro que não-mais-humano.

6 REFERÊNCIAS

DAY of the Dead (O Dia dos Mortos). Dirigido por George A. Romero. Estados Unidos: Dead Film Inc, 1985 (100 min.)

LAND of the Dead (Terra dos Mortos). Dirigido por George A. Romero. Estados Unidos: Atmosphere Entertainment MM, 2005 (97 min.)

iZOMBIE [Seriado]. Produzido por Rob Thomas, Diane Ruggiero-Wright, Dan Etheridge e Danielle Stokdyk. Canadá: Spondoolie Productions, 2015-2019.

JAPPE, Anselm. **A sociedade autofágica:** capitalismo, desmesura e autodestruição. Trad. Júlio Henriques. Lisboa: Antígona, 2019

KEE, Chera. **Not your Average Zombie:** Rehumanizing the Undead from Voodoo to Zombie Walks. Austin/EUA: University of Texas Press, 2017.

LAURO, Sarah J., EMBRY, Karen. A Zombie Manifesto: The Nonhuman Condition in the Era of Advanced Capitalism. **Boundary**, 2, 2008. p. 85–108.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Ubu, 2020.

MONTAIGNE, Michel de. Ensaaios. //N: **Coleção Os Pensadores - Montaigne Vol. I**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.